

Sintagmas nominais genéricos e processos anafóricos portadores de genericidade

ELÍSIO FRANCISCO SÁ ALMEIDA
(Centro de Linguística da Faculdade de Letras do Porto)

1. Introdução

Inúmeras vezes, na presença de determinados enunciados, do discurso oral ou escrito, interrogamo-nos sobre o respectivo universo referencial, hesitando entre uma interpretação restrita ou genérica de uma dada proposição. E mesmo perante um predicado que expressa uma propriedade que caracteriza genericamente um determinado grupo ou espécie, do género de (1), quantas vezes não duvidamos se essa propriedade caracteriza realmente a totalidade dos membros desse grupo, somente uma percentagem incalculável, ou se trata simplesmente de uma generalização estereotipada, que na realidade apenas se pode aplicar a um número bastante reduzido de membros desse grupo.

(1) Os cristãos são caridosos.

Outra dificuldade com que nos deparamos é a da plena identificação das verdadeiras frases genéricas, na medida em que encontramos um grande número de enunciados com características genéricas distintas. Podemos observar, a título exemplificativo, os seguintes tipos de construções em que o carácter genérico está presente:

- frases com predicados genéricos, que apresentam uma propriedade que caracteriza, em termos genéricos, uma espécie, tal como *Os cães ladram*;
- frases com predicados genéricos que expressam uma propriedade inerente a uma dada espécie, tal como *A baleia é um mamífero*;

- frases que caracterizam uma espécie ou grupo e que apresentam predicados episódicos, que se referem a situações localizadas no tempo e no espaço, tal como *O Homem pisou a lua em 1969*;
- frases que expressam juízos de valor acerca de uma espécie ou conjunto, dependendo estes juízos das distintas visões do mundo dos diferentes falantes, tal como (1);
- frases cujos predicados expressam propriedades disposicionais de uma determinada entidade genérica, tal como *O açúcar é solúvel na água*;
- frases com carácter definitório, tal como *O gato é um animal*;
- Juízos deonticos, que expressam regras de natureza moral ou comportamental, tal como *O médico é obrigado ao sigilo profissional*;
- frases habituais em que se atribui a um indivíduo específico uma característica genérica, que se infere a partir da observação de algumas ou simplesmente uma ocorrência, tal como *O João fuma*.

2. Frases Genéricas

Perante esta multiplicidade de ocorrências, linguístas como Carlson, Dahl, Kleiber e outros debruçaram-se sobre esta temática. Deste modo, Carlson (89) definiu o seu conceito de genericidade, consistindo este na aceitabilidade de que as frases genéricas expressam uma proposição, um estado de coisas habitual, ou uma regularidade inferida a partir de situações concretas, cujo valor de verdade não deve ser obtido pela referência a um evento espacio-temporalmente localizado. Exemplo disso mesmo é a frase (2), que será, então, uma verdadeira frase genérica, contendo um SN de espécie e um predicado também de espécie. Esta frase combina a referência a uma espécie com um predicado que assume valor gnómico.

(2) Os cães ladram.

No entanto, a par destas, existem outras proposições em que, apesar do predicado se referir a situações episódicas, localizadas no espaço e no tempo, podem ser interpretadas genericamente, em função do SN ter como referência a espécie e não o indivíduo específico que praticou o acto. É o que se verifica em (3), exemplo referido por Kleiber (85):

(3) O Homen pisou a lua em 1969.

(4) O estudante da nossa faculdade estuda muito.

O mesmo acontece em (4), cujo SN contém um elemento dístico, que permite a plena identificação do espaço subjacente ao acto da enunciação, mas que não bloqueia a leitura genérica. Isto acontece porque a presença da expressão dística não impede que se continue

a considerar o conjunto *Estudantes da nossa faculdade* como uma classe virtual, que engloba os membros que tenham existido, que existam ou que venham a existir. Deste modo, para aceder à genericidade não é obrigatória, tal como Carlson inicialmente referira, a ausência de ancoragem espacial e temporal.

Encontramos, ainda, generalizações em frases que exprimem um juízo de valor que caracteriza um grupo de modo permanente, ainda que de forma abstracta (5). Este juízo de valor será entendido como tendo valor de verdade, mesmo que essa característica não se aplique à totalidade, nem mesmo à actual maioria dos membros desse grupo.

(5) Os Portugueses são saudosistas.

De acordo com Carlson e Dahl, o tratamento deste tipo de frases terá de ser feito no domínio da semântica. Nesse âmbito, destacam algumas características semânticas identificatórias destas construções. Em primeiro lugar, apresentam a característica da estatividade, ou seja, induzem a interpretação estativa da frase. O que não implica que os predicados devam ser intrinsecamente estativos, apenas que contenham elementos que propiciem essa estatividade, aparecendo o presente do indicativo com valor de atemporalidade como o elemento gerador da estatividade. Por exemplo, um predicado tipicamente não estativo como *comer carne*, na frase clássica de Carlson (6), aparece com valor atemporal, devido ao uso do presente, o que conduz à interpretação genérica da frase:

(6) Os Suecos comem carne de rena.

Outra característica que marca estas construções, ainda segundo os mesmos linguístas, é o carácter intensional do predicado, em que este é interpretado como referindo um conceito, uma propriedade intrinsecamente ligada ao grupo ou espécie em questão.

Neste tipo de enunciados é a articulação entre SN's sujeitos e predicados de diversas categorias que conduz à determinação dos diferentes tipos de frases genéricas. Seria interessante explorar, a este respeito, as análises de Carlson, Dahl (75), Kleiber e Lazzaro (88) e Galmiche (85). No entanto, e dado que tal análise seria bastante extensiva, apenas me proponho fazer referência a algumas concepções da genericidade a que chegaram após minucioso trabalho de investigação. Assim, Carlson procede a uma distinção entre frases episódicas (que podem ser localizadas no espaço e no tempo) e frases genéricas. Estas, por seu lado, são divididas em genéricas habituais (7), que combinam um predicado genérico com um sujeito de natureza específica, e genéricas gnómicas (8), que conjugam um predicado genérico com um SN de espécie:

(7) O Paulo vai a pé para a escola

(8) Os canários cantam bem.

Galmiche, por seu lado, faz apelo aos conceitos de Intuição A e Intuição B para formar a sua estrutura semântica da genericidade. A Intuição A conduz à interpretação genérica de uma dada frase em função da ausência de ancoragem referencial do enunciado. Deste forma, concebe as frases episódicas (9), frases habituais (10) e frases genéricas (11). As primeiras combinam SN e predicado específicos, as habituais combinam um SN específico com um predicado de natureza genérica, as genéricas combinam SN e predicado genéricos.

- (9) O André bebe uma coca-cola;
- (10) O João fuma;
- (11) Os cães são amigos dos seus donos.

O conceito da Intuição B, por seu lado, pressupõe que o SV corresponde a uma propriedade essencial que é atribuída a um SN genérico. Neste caso, teremos os designados juízos genéricos (12a,b):

- (12a) Os gatos são carnívoros
- (12b) Um relógio mede o tempo.

Podemos constatar que Galmiche procede a uma distinção entre frases genéricas simples e aquelas que exprimem um juízo genérico. Todavia esta distinção aporta determinados problemas, já que uma frase como (11) pode, em função da interpretação que se lhe atribui, constituir-se como uma frase genérica, obedecendo ao princípio da Intuição A, ou como um juízo genérico, obedecendo ao princípio da Intuição B.

3. Relação SN/Predicado

Em Português, os SN's sujeitos que aparecem em frases genéricas podem assumir diversas formas. Por uma questão metodológica, irei referir os SN's que apresentam nomes contáveis e nomes massivos e que aparecem nas formas de definido singular e plural e, também, no indefinido singular. Estes SN's relacionam-se com predicados que apresentam diferentes tipos de propriedades, de que irei apresentar um tipologia, de forma a expressarem juízos genéricos. Em alguns casos as frases revelam-se estranhas e de duvidosa aceitabilidade enquanto construções genéricas. Vejamos o breve corpus da nossa língua que a seguir se apresenta:

- (13a) A baleia é um mamífero;
- (13b) As baleias são mamíferos;
- (13c) Uma baleia é um mamífero.
- (14a) O cão é o melhor amigo do seu dono;
- (14b) Os cães são os melhores amigos dos seus donos;
- (14c) Um cão é o melhor amigo do seu dono.

- (15a) O lixo é prejudicial ao ambiente;
 (15b) Os lixos são prejudiciais ao ambiente;
 (15c) *Um lixo é prejudicial ao ambiente.

Analisando estas construções, podemos constatar diferenças ao nível do tipo de predicado presente nos grupos e, também, ao nível do tipo de SN. Assim, as construções (13) conjugam um SN de espécie com um predicado que exprime uma propriedade **essencial**, no sentido que esta se aplica a todos os membros da espécie e permite que se efectuem suposições, inferências ou exemplos contra-factuais, do género de *Se X é uma baleia, então é mamífero* ou *se X vier a ser uma baleia, então será um mamífero*. O valor de verdade destes predicados não está dependente de determinados estados do mundo, já que estas propriedades existem de forma inerente à espécie. Nos três exemplos, todos os SN's sujeitos são de espécie, mesmo (13c) que se aproxima de uma expressão definitória da espécie. Estando o SN no definido singular, a espécie será entendida em termos intensionais, como referindo um conceito de espécie; estando o SN no definido plural a espécie é entendida em termos extensionais, como um conjunto aberto de membros.

As construções (14) combinam SN's de espécie com predicados que apresentam propriedades **contingentes**, no sentido de que se aplicam a espécies e são válidas para a espécie em geral, mas em que são admissíveis excepções. Por esta razão se distinguem das propriedades essenciais. Também se distinguem de um terceiro tipo de propriedade, a **accidental**, como no exemplo (7), pois estas são propriedades que caracterizam indivíduos e se baseiam em eventos mais ou menos regulares, que não permitem a caracterização do indivíduo em todos os estados do mundo, não podendo ser usadas em juízos de inferência ou em pressuposições.

As construções (15) apresentam um SN massivo e assumem diferentes interpretações em função do valor morfológico desse mesmo SN sujeito. Assim, a frase com o SN no definido singular assume leitura genérica, devido ao SN ser interpretado de forma homogénea, sendo a sua referência o conceito inerente a essa entidade, não sendo possível a diferenciação entre diferentes ocorrências deste nome. Na frase com o SN no definido plural a leitura genérica é possível, no entanto o referente da entidade não será o seu conceito, mas diferentes tipos ou subclasses dessa entidade; a generalização recai, desta forma, sobre as diferentes subclasses, pelo que se torna uma entidade contável. Na frase com o SN no indefinido singular, a leitura genérica é impossível, pois o referente do SN será uma subclasse específica da entidade, pelo que a leitura será episódica. Convém constatar, para concluir, que o SN no indefinido singular propiciar a leitura genérica quando apresenta uma espécie contável (uma baleia, um gato, ...), não acontecendo o mesmo quando inclui um nome massivo.

4. Processos Anafóricos em Construções Genéricas

Neste ponto, irei analisar algumas cadeias anafóricas aceitáveis em português e que integram expressões interpretadas genericamente, quer na posição de antecedente genérico, quer na de termo anafórico, cujo sentido referencial se encontra em conexão com o seu antecedente. Mais concretamente, irei abordar construções genéricas em que ocorre uma relação anafórica correferencial entre antecedente genérico e pronome anafórico, desde que entre ambos os elementos ocorra uma relação de dependência referencial e esse referente seja inequivocamente uma espécie ou conjunto. Observemos as seguintes construções:

(16a) As cegonhas_x estão em vias de extinção. Elas_x são cada vez mais raras.

(16b) *As cegonhas_x estão em vias de extinção. Ela_x é cada vez mais rara.

(17a) A cegonha_x está em vias de extinção. Ela_x é cada vez mais rara.

(17b) A cegonha_x está em vias de extinção. Elas_x são cada vez mais raras.

Podemos facilmente constatar que o pronome anafórico presente na segunda frase de cada construção estabelece uma relação de correferência com um SN mencionado na frase que o antecede, tendo este, como entidade referencial, uma espécie (a exceção a esta regra ocorre no exemplo (16b)). Nestas construções, o SN que refere a espécie encontra-se na posição sintáctica de sujeito da frase principal e é sempre este o antecedente referencial do pronome que se encontra na segunda frase. Estes pronomes anafóricos retomam, assim, o traço genérico do seu antecedente.

A partir dos exemplos fornecidos observamos que quando o SN de espécie se encontra no plural, o pronome anafórico deve adoptar as mesmas marcas morfológicas do seu antecedente, surgindo também no plural, para que a sua referência seja exactamente coincidente com o SN da oração principal: uma espécie entendida em termos contáveis, constituída por membros discerníveis (16a). Caso o pronome apareça no singular (16b), a sua referência passa a ser um membro específico da espécie, deixando de ocorrer uma relação correferencial. Quando, por outro lado, e observando os exemplos (17), o SN da oração principal aparece no singular, referindo-se à espécie em termos intensionais, o pronome anafórico pode manter-se no singular ou surgir no plural, ocorrendo, em meu entender, uma relação de correferência nos dois casos, embora por diferentes vias. Assim, estando o pronome anafórico no singular (17a), a correferência é total, isto é, o modo como a espécie é referida na oração principal - de forma homogénea, colocando-se em relevo o conceito inerente à própria espécie - é retomado pelo pronome. Por outro lado, a presença do pronome anafórico no plural, (17b), também permite a correferência com o antecedente, mas o modo como a espécie é entendida através do pronome no plural é distinto do modo como é entendida através do SN da oração principal. O pronome *elas* remete para a espécie entendida como um conjunto de elementos, uma entidade contável, e não a espécie entendida de forma homogénea. Não estamos em presença de uma referência disjunta, pois

apenas ocorre uma diferença no modo como a mesma espécie é entendida: de forma homogênea pelo antecedente e de forma contável pelo pronome.

Para esclarecer melhor esta análise, observemos o seguinte esquema que estabelece o valor morfológico dos dois elementos da cadeia anafórica

$$(18) \quad \forall \text{SNg, Pg} : f(\text{SNg}) = \text{singular} \Rightarrow f(\text{Pg}) = \text{singular} \vee f(\text{Pg}) = \text{plural} \\ \forall \text{SNg, Pg} : f(\text{SNg}) = \text{plural} \Rightarrow f(\text{Pg}) = \text{plural}$$

Analisemos, de seguida, construções do mesmo género, mas com um nome massivo (entidade não contável) na posição de antecedente da cadeia anafórica:

(19a) O lixo_x é prejudicial ao ambiente. Ele_x contamina a natureza.

(19b) O lixo_x é prejudicial ao ambiente. Eles_? contaminam a natureza.

(20a) Os lixos_x são prejudiciais ao ambiente. Eles_x contaminam a natureza.

(20b) *Os lixos_x são prejudiciais ao ambiente. Ele_? contamina a natureza.

As construções (19) permitem-nos concluir que na presença de um SN genérico massivo na posição de antecedente verificam-se dois comportamentos distintos. Assim, se o SN genérico massivo estiver no singular, referindo um conjunto entendido de forma homogênea, então o pronome anafórico da 2ª frase deve também aparecer no singular, para que a correferência anafórica se estabeleça entre os referentes dos dois elementos. Se o pronome anafórico se encontrar no plural, a relação anafórica entre os dois elementos torna-se ambígua, pois o universo referencial do pronome *eles* seria distinto: deixaria de ter como referente a entidade entendida de forma homogênea, não contável, e passaria a ter como referência diferentes realizações da mesma entidade, ou seja, uma entidade contável. Desta forma, na construção (19b) verifica-se uma relação anafórica, mas não uma relação de correferência. Nas construções (20), os SN's das primeiras frases têm como universo referencial diferentes realizações da entidade, passando a ser considerada uma entidade contável.

Desta forma, e tendo em conta estas análises, a regra apresentada em (18) sofre um processo de optimização, pelo que se apresenta a regra (21), referente às relações anafórica correferenciais, em que se procede à distinção entre SN's contáveis (SNgct) e SN's massivos não contáveis (SNnct)

$$(21) \quad \forall \text{SNgct, Pgct} : f(\text{SNgct}) = \text{singular} \Rightarrow f(\text{Pgct}) = \text{singular} \vee f(\text{Pgct}) = \text{plural} \\ \forall \text{SNgct, Pgct} : f(\text{SNgct}) = \text{plural} \Rightarrow f(\text{Pgct}) = \text{plural} \\ \forall \text{SNnct, Pgnct} : f(\text{SNnct}) = \text{singular} \Rightarrow f(\text{Pgnct}) = \text{singular}$$

4.1. Construções Anafóricas com Antecedentes Episódicos

Vejam algumas construções anafóricas em que o antecedente se constitui como um SN episódico, existencialmente interpretado, na posição de complemento directo, aparecendo o pronome anafórico incluído numa segunda frase, que refere uma propriedade aplicável à espécie ou a grupos restritos da espécie em questão:

- (22a) O Manuel vendeu todas as vacas_x que possuía. Elas_x estavam a ficar velhas.
 (22b) O Manuel vendeu todas as vacas_x que possuía. Elas_{x,y} são rentáveis.

Em (22a), o pronome *elas* encontra-se numa predicação que refere uma propriedade que se aplica ao grupo restrito das *vacas* que o Manuel possuía e não à espécie em geral. Logo, a correferência entre *elas* e o SN quantificacional *todas as vacas do Manuel* é perfeita. Este será um caso de relação correferencial entre dois elementos, ambos com referência episódica. A leitura desta frase pode ser representada pela construção (23a), que deve ser lida no sentido de que todas as vacas que o Manuel possuía e que apresentavam a propriedade de estarem a ficar velhas foram vendidas:

- (23a) $\forall (x) [((\text{vacas do Manuel } (x)), (\text{estar a ficar velha } (x))) \Rightarrow (\text{Manuel vender } (x)))]$

Em (22b), a propriedade referida na frase onde se encontra o pronome anafórico é uma característica genérica da espécie, tendo o pronome *ele* como referente a espécie - toda e qualquer vaca, real ou virtual - e não apenas o grupo restrito das *vacas do Manuel*. No entanto, e porque este grupo restrito está abrangido, por um processo de inclusão, no sentido referencial do pronome genérico, este acaba por possuir, no seu universo referencial, a espécie em geral e este grupo específico. Daí a presença dos dois elementos referenciais do pronome ($x = \text{vacas do Manuel}$; $y = \text{toda a espécie}$). Esta interpretação pode ser representada através da seguinte construção:

- (23b) $\forall (x) [((\text{vaca } (x)), (\text{ser rentável } (x))) \wedge \forall (y) ((\text{vaca do Manuel } (y)), (\text{ser rentável } (y)))] \Rightarrow (\text{Manuel vender } (y))]$

5. Considerações finais

Este tema tem apaixonado os linguistas em geral e continuará, sem dúvida, a ser o objecto de estudo em numerosos trabalhos, dada a diversidade de questões e de focos de análise que surgem relacionadas com esta temática e que merecem uma análise profunda.

A natureza desta comunicação não permitia uma análise mais global e profunda das questões aqui apresentadas, pelo que as entendo como simples reflexões, cujo objectivo será o de despertar o interesse por estes assuntos. Aliás, relacionado com a temática da genericidade, existem muitas perspectivas de análise que têm sido desenvolvidas por diversos linguistas e que, certamente, serão ainda objecto de estudo de numerosos

trabalhos. A título exemplificativo, posso referir algumas das muitas questões que carecem de maior investigação: o esclarecimento do tipo de entidade sobre que recai a genericidade (entidades prototípicas, bases modais, mundos possíveis, entidades não-monótonas), a quantificação das frases genéricas, construções genéricas com *quando* atemporal, a relação com as construções condicionais, as condições de verdade das frases genéricas, ...

Assim, aqui fica o meu repto para que prossiga a investigação nos domínios da genericidade.

BIBLIOGRAFIA

- CARLSON, Greg (1978) - *Reference to Kinds in English*, Indiana University Linguistic Club, Bloomington.
- CARLSON, Greg (1989) - "Generics and Atemporal When", in *Linguistics and Philosophy*, Vol. 3, nº1, D. Reidel Publishing Company, pp. 49-98.
- DAHL, O. (1975) - "On Generics", in Ed. Keenan (org.), *Formal Semantics of Natural Language*, Cambridge University Press, pp. 92-112.
- DAHL, O. (1985) - "Remarques sur le Générique", in *Langages* 79, pp. 55-60.
- GALMICHE (1985) - "Phrases, Syntagmes et Articles Génériques", in *Langages* 79, pp. 2-39.
- KLEIBER, G. (1989) - "Le Générique, un Massif?", in *Langages* 94, pp. 73-114.
- KLEIBER et LAZZARO (1988) - "Qu'est-ce qu'un Syntagme Nomique Générique", in G. Kleiber (org.), *Rencontres avec la Généricité*, Université de Metz, pp. 73-111.
- KRIFKA, PELLETIER, CARLSON, MEULEN, CHIERCHIA & LINK (1985) - "Genericity: An Introduction", in Carlson & Pelletier (orgs), *The Generic Book*, The University of Chicago Press, pp. 1-124.
- LOPES, A. C. (1992) - "Aspectos da Genericidade", *Cadernos de Semântica*, nº6.
- OLIVEIRA, FÁTIMA (1988) - *Cadeias Anafóricas: Que Referência?*, Trabalho Complementar de Doutoramento.